

A TV QUE SEU FILHO VÊ

Como usar a televisão no
desenvolvimento da criança



Bia Rosenberg

A TV QUE SEU FILHO VÊ

Como usar a televisão no
desenvolvimento da criança



Copyright © 2008 Bia Rosenberg

Supervisão editorial **Marcelo Duarte**

Assistente editorial **Tatiana Fulas**

Projeto gráfico **Ana Miadaira**

Ilustração **Marcelo Pacheco**

Foto da capa **iStockphotos**

Diagramação **Divina Rocha Corte**

Preparação **Cristiane Goulart**

Revisão **Telma Baeza G. Dias**

Ana Maria Barbosa

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R724p

Rosenberg, Bia

A TV que seu filho vê / Bia Rosenberg. - 1ª ed. - São Paulo
: Panda Books, 2008.

1. Comunicação de massa e crianças. 2. Comunicação
de massa - Influência. 3. Televisão e crianças. I. Título.

08-0920.

CDD: 302.23

CDU: 316.77

2008

Todos os direitos reservados à

Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Lisboa, 502 – 05413-000 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3088-8444 – Fax: (11) 3063-4998

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

AGRADECIMENTOS

Este livro só pôde existir graças à participação de muitas pessoas. Aqui vão meus agradecimentos.

Primeiramente, à TV Cultura, por ter me mantido em seu quadro de funcionários por trinta anos, vinte dos quais à frente da programação infantil. Isto me propiciou uma experiência prática valiosa e única. Foi no exercício cotidiano que aprimorei critérios e conceitos de televisão de qualidade, sempre tendo em mente que do outro lado da câmera estão seres humanos inteligentes, ainda começando suas vidas e prontos para crescer, aprender e se divertir.

Depois, aos meus companheiros de Cultura, os colegas com quem convivi e os colegas com quem convivo atualmente, de quem aprendo dia a dia o exercício de criar e produzir programas, como Glub Glub, Cocoricó, X-Tudo, Castelo Rá-Tim-Bum, Turma da Cultura, Teatro Rá-Tim-Bum e Vila Sésamo entre outros. O grupo é muito grande para ser nomeado individualmente, mas é importante lembrar que televisão é, antes de tudo e sempre, um trabalho de equipe. Duas pessoas, porém, foram fundamentais para o meu trabalho e para o desenvolvimento e continuidade da produção infantil na TV Cultura: Roberto Muylaert e Beth Carmona. A todos, o meu agradecimento.

Ao Luiz Costa Pereira Júnior por ter trabalhado comigo na versão final e definitiva deste livro, além de ter contribuído com valiosas sugestões.

À Marcela Lamounier por ter me ajudado a fazer o levantamento dos programas brasileiros atualmente em cartaz na televisão brasileira.

À Fátima Pacheco Jordão e Caroline Campos, pela pesquisa de audiência infantil nos programas de adultos.

Às minhas amigas Vera Roquette Pinto e Márcia de Aguiar, e à minha querida irmã Carla Rosenberg, que leram a primeira versão desta obra, eu agradeço a preciosa amizade, o estímulo e as sugestões que me deram. À Cristina Brito, pela fraterna e constante presença, sem a qual eu talvez não tivesse terminado este livro.

Ao Gladstone Campos pelos anos de estímulo e apoio incondicional.

Aos meus sobrinhos Caio, Rachel, Polly e Julia e à minha filha Luisa, pessoas inteligentes, incríveis, plenas de respostas surpreendentes, matéria-prima de primeira qualidade na minha observação do comportamento infantil frente aos programas de televisão.

Ao Benjamin, que a distância de um oceano acompanhou os passos deste livro com todo o amor.

SUMÁRIO

Introdução	9
1. Por que as crianças vêem televisão?	15
2. Verdades e mentiras sobre a TV: quase tudo tem dois lados	27
3. O que está por trás da TV?	41
4. Descubra a posição que a TV ocupa na vida familiar	55
5. Aprendendo e ensinando a “ler” a mídia	67
6. Quais as características de um bom programa de TV?	83
7. Como se vê TV em cada etapa da infância	91
8. Os valores positivos e negativos da programação infantil	99
9. Como resistir à sedução da publicidade	115
10. A violência eletrônica	131
11. O que fazer diante da audiência infantil que consome programação para adultos	141
12. Uma palavra final	163

Programas infantis produzidos no Brasil	164
Para saber mais	179
Referências bibliográficas	182

INTRODUÇÃO

Este livro nasceu não diretamente da minha cabeça, mas das perguntas que me fizeram muitas mães, alguns pais, outros tantos professores do ensino fundamental e até repórteres de revistas e jornais. O que essas perguntas tinham em comum? A procura de uma maneira de lidar com a televisão na vida das crianças. Como estabelecer parâmetros, como saber o que é “certo”, o que é “errado”, se existe uma atitude ideal para os pais assumirem, se a televisão deve ser controlada, proibida, liberada, enfim, diferentes perguntas tendo no centro a grande questão: “O que fazer com a televisão dentro de casa?”.

De uma maneira simplificada, pode-se dizer que para cada área da vida da criança existe um especialista. Para aprender a ler e escrever, um professor. Para cuidar da saúde, um pediatra. Para as emoções, as depressões e as ansiedades do crescimento, um psicólogo. Para as dificuldades de falar, um fonoaudiólogo. Para saber como alimentar-se bem, um nutricionista. E se os dentes nascem tortos, um ortodontista. Porém, qual é o profissional que lida com a mídia na vida da criança?

Esse profissional não existe, embora a televisão tenha um papel bastante significativo para as meninas e os meninos que crescem no começo do século XXI no Brasil. Podemos constatar a influência desse meio na quantidade de horas que são dedicadas a ele. De acordo com o Ibope, em 2005, crianças de 4 a 11 anos de idade assistiram a uma média de 4,5 horas de televisão por dia. Com um pouco de matemática, podemos concluir que

se uma criança brasileira tiver a exposição diária de 4,5 horas diante do aparelho, totalizará aproximadamente:

34 horas por semana

136 horas por mês

1.768 horas por ano

Se a menina ou o menino começaram a ver TV com 1 ano de idade, ao atingir 17 anos terá passado 28.288 horas em frente ao aparelho. Isso significa que, ao fazer 17 anos, um jovem terá passado quase quatro anos de sua vida assistindo à televisão.

Portanto, mesmo do ponto de vista apenas quantitativo, fica fácil perceber que a televisão tem grande importância. Mas é evidente que a influência do meio não termina aí. Existem mais de três mil artigos, ensaios e livros já publicados, embora a bibliografia brasileira não seja tão farta. Os sites na internet também têm se multiplicado, e se questionam sobre o efeito da televisão no desenvolvimento das crianças. As perguntas que me foram formuladas por pais e professores foram feitas também por muitos estudiosos e pesquisadores, que vêm refletindo sobre a televisão desde o começo de sua existência, em 1939. Embora as conclusões desses estudos não sejam definitivas, e sejam às vezes até conflitantes, são sem dúvida enriquecedoras para quem está interessado no assunto.

Ao me propor a escrever este livro reuni pesquisas de origens variadas, com metodologias muitas vezes díspares, para, com a minha experiência pessoal na direção de programas infantis da TV Cultura de São Paulo, por duas décadas, aliar informa-

ções que pudessem ser úteis àqueles que estão preocupados em transformar o papel da televisão em suas vidas e na vida de suas crianças.

Muitos pais podem eventualmente rogar pragas diante do impacto da televisão na vida de seus filhos. Se, de fato, ela define muito da relação da criança com o mundo, seria ilusório acreditar que podemos retirá-la de uma hora para outra do cotidiano infantil, sem maiores conseqüências.

As crianças se adaptam maravilhosamente às novas tecnologias, e queremos que elas façam uso delas. A tecnologia não pode, nem deve, ser considerada “boa” ou “ruim”. Não é, no entanto, um “mal necessário”, a ser resignadamente suportado, num contexto tão contemporâneo de pais ocupados e tantas vezes ausentes do cotidiano de suas crianças. O diferencial está em *como* usamos a tecnologia. Nossa competência para entendê-la é que vai dar autonomia e liberdade às crianças quanto a seu uso. E também vai ensiná-las a interpretar esse universo e lidar com ele. Conseqüentemente, o desafio é transformar a televisão em aliada, em vez de inimiga.

Muitos pais estão preocupados em entender o veículo. Estão decididos a “domar a fera”. Mas é confortável conviver com a televisão na sala de visitas – ou no quarto – sem refletir demasiadamente sobre o que se está fazendo. Evidentemente, seu filho não vai se tornar um maníaco sexual porque assistiu a programas com cenas eróticas. Mas a visão de mundo que ele carrega ao longo da vida vai estar influenciada pelos conceitos embutidos nos programas de televisão.

A questão da TV na infância talvez seja, então, menos de censura do que de dosagem. Ela não seria nociva em si, mas está longe de ser uma babá confiável. Este livro testa, por isso, as possibilidades de consumo consciente de um meio eletrônico que tomou importância decisiva para a criança. Se é difícil viver sem o veículo, podemos dosar nossa exposição a ele, distinguir melhor os ingredientes que nos são oferecidos via satélite, de modo a controlar de maneira mais saudável seu consumo. Quase como se fosse possível imaginar uma dieta balanceada em que os programas televisivos são os nutrientes, a receita é a dosagem crítica com que preparamos nossa alimentação, e o melhor prato é resultado de uma reeducação alimentar.

A TV pode ser uma aliada no processo de aprendizagem da criança, porém, mais do que ver, é preciso distinguir em que ela se sai bem, ou se sai mal. Ao longo dos capítulos que se seguem, há uma série de princípios básicos que regem a TV como mídia e como indústria. Há, também, pequenos exercícios para desenvolver a capacidade crítica diante dela; desde como as crianças percebem a televisão e quais são os efeitos da violência até dicas de quando se preocupar com seu filho que vê televisão demais. As famílias são como indivíduos, cada qual com suas características próprias.

Este livro sugere ações e pensamentos que podem ser adaptados a cada situação. Ele foi escrito para pais que querem refletir e modificar o papel da televisão na vida de seus filhos. Se fosse dado à TV o cuidado que muitos de nós dispensamos à nossa própria saúde, talvez nossa “nutrição” eletrônica fosse menos condicionada a hábitos “alimentares” inerciais, e um

salto de qualidade seria dado por nós ao lado de nossos filhos. É preciso diminuir nossas ansiedades e saber aproveitar aquilo que a televisão tem de positivo. Isso é possível, e este livro é uma forma de mostrar como.

Bia Rosenberg

1

POR QUE AS CRIANÇAS VÊM TELEVISÃO?

Pense na televisão, por um momento, como se fosse uma geladeira que se enche de comidas e bebidas variadas. Salaminho, queijo e caqui numa gaveta; alface, bife de fígado e pudim de chocolate, em outra; em cantos específicos, refrigerantes, panquecas congeladas e chuchu.

Poderíamos dizer que a mídia equivale a essa geladeira cheia de ofertas ao alcance dos dedos e dos olhos: programas vitamínicos; com fibras naturais; com muito açúcar; programas salgados demais; alguns amargos; outros sem nenhum nutriente a não ser um sabor agradável, e assim por diante.

Um nutricionista sabe que a alimentação deve ser equilibrada, moderando em itens como doces e gorduras. Ao planejar uma dieta, ele leva em consideração os nutrientes necessários ao desenvolvimento de uma criança, mas também as preferências dessa criança. É assim que pode combinar, por exemplo, bife com purê de batatas e vagem com morangos e *chantilly*.

Com a televisão é a mesma coisa. É importante fazer escolhas que agradem tanto ao paladar quanto ao desenvolvimento saudável da família. Se a metáfora de uma dieta nos serve é porque a TV pode ser pensada como algo além de um cardápio de programas nocivos por natureza. Se tudo o que está na pro-

gramação da TV fosse apenas um menu calórico e gorduroso, sobriaria muito pouco a fazer além de desligar o televisor. É um gesto simbólico de reação à mídia, que agradaria muito a determinada crítica, intelectualmente popular, mas paralisante. Isto não seria nem razoável, nem factível, dada a importância que a TV assume na vida de seus consumidores.

O fato é que, na atualidade, não se trata tanto de abolir seu consumo, mas dosá-lo. Afinal, as crianças vêm *muita* televisão. Mais do que ver, elas *gostam* da televisão. Lidar com esse gosto é o desafio maior de pais, de educadores e de produtores de programas infantis.

Desde o começo da era da televisão, estudiosos, principalmente na Europa e na América do Norte, tentam entender o fenômeno. Por que as crianças (e os adultos, é claro) gostam tanto de ver televisão? Quais as expectativas? Que sentimentos são despertados? Por que passamos tanto tempo em frente à telinha? Tenta-se entender os “usos” e “gratificações”, para usar expressões típicas dos pesquisadores do ramo, que o público obtém por meio da mídia. Saber o que faz com que o espectador se sinta satisfeito com determinado programa e, portanto, volte a assisti-lo, é importante tanto para quem produz como para quem estuda a mídia ou tem filhos telespectadores.

Os norte-americanos Barry Gunter e Jill McAleer não fizeram apenas uma única pesquisa. Eles reuniram no livro *Children & Television* os trabalhos realizados entre as décadas de 1950 e 1990 nos países do hemisfério norte. Cada uma dessas investigações tem, a seu modo, certo mérito na difícil tentativa de compreender co-

mo as crianças se relacionam com o meio e por que assistem à televisão. Elas apresentam resultados obtidos por intermédio de metodologias que nem sempre têm pontos em comum. Mas, a partir desse conjunto de investigações distintas, podemos filtrar nove razões básicas, citadas pelas crianças pesquisadas, como motivadoras do ato de sentar-se à frente da telinha.

Os motivos, detalhados a seguir, não são excludentes entre si e, em geral, variam conforme o momento e o estado de espírito da criança. Observe se você se encaixa em algum dos tópicos listados. Procure perceber se há algum item que mais se adapta a seus filhos.

1. PASSAR O TEMPO/HÁBITO DE LIGAR O APARELHO

É o motivo mais alegado pelas crianças. Em geral, é fruto de um hábito adquirido ao longo da vida. Na falta de uma atividade programada para fazer, ver televisão é provavelmente a alternativa mais à mão. Não exige treinamento, planejamento, esforço ou equipamento especial.

Muitas pessoas (e crianças) ligam a televisão em um movimento automático ao entrar na sala ou no quarto. Sentar à frente do aparelho completa o gesto. Outras, quando não têm nenhuma outra obrigação, se entregam com passividade ao meio, embora não haja nenhum programa que as interesse naquele horário. Nos dois casos, as crianças não estão realmente escolhendo a televisão. Estão apenas não-escolhendo as outras atividades.

Os programadores de televisão (pessoas encarregadas de colocar os programas na ordem em que eles vão ao ar) contam

com esta atitude mais passiva por parte do telespectador. Eles esperam que o público ligue a televisão sem grande motivação, mas que, com um programa interessante, continue assistindo ao seu canal. Para isto, existe uma organização lógica na programação das televisões. Por exemplo, no horário de uma grande emissora comercial, existe uma tradição que é: novela das seis (de época), jornal local, novela das sete (leve e engraçada), Jornal Nacional e novela das oito (em geral mais séria, que vai ao ar às nove horas da noite). Neste caso, houve um cuidado para “amarrar” um programa no outro, de forma que o telespectador não mude de canal. Ou seja, as pessoas já estão acostumadas e já sabem que o horário nobre (o horário noturno, depois das 18 horas) é dedicado às novelas e ao jornalismo.

Na programação infantil ocorre a mesma coisa. Programas para crianças em idade pré-escolar (menores de 7 anos) são exibidos na mesma faixa de horário. Às vezes, uma seleção de cinco ou seis séries de programas curtos, variando de 5 a 15 minutos, é montada para formar uma faixa de uma hora ou uma hora e meia de duração. O objetivo é manter as crianças ligadas naquele canal de televisão. Da mesma maneira, agrupam-se os programas dedicados à idade escolar (7 a 11 anos). Sempre de olho na continuidade do hábito de ver televisão no mesmo canal.

2. ESCAPISMO

A TV ajuda a matar a vontade de quem quer viver uma perigosa aventura ou um grande romance. O meio nos dá recursos para viver intensamente, sem levantarmos, como se diz, da

poltrona. Filmes de aventura, romances, desenhos animados, vida animal e mil outros programas “nos tiram” da poltrona sem nenhum esforço ou movimento. Assim, literalmente, fugimos do dia-a-dia ao escapar para universos de fantasia que possuem fórmulas de entreter a audiência, embalando nossa atenção até o próximo intervalo.

As crianças afirmaram que gostam de ver televisão quando o dia está “chato”, quando estão aborrecidas, tristes ou preocupadas. Têm consciência de que as histórias que envolvem pessoas, animais ou monstros não conseguem, obviamente, resolver um problema delas, mas ajudam a distraí-las. Um sentimento dominante de ansiedade ou angústia pode ser esquecido, pelo menos momentaneamente, afirmam. Por outro lado, se o telespectador mirim estiver entediado, assistir a um programa de que gosta muito parece melhorar o próprio espírito e fazer de um dia mediano, um bom dia.

Para a criança, assim como para o adulto, a mídia é a possibilidade de participar de mundos diferentes, onde se fica entretido e interessado, distraído da realidade. Por determinado tempo, a televisão traz conforto, segurança e divertimento. Crianças que levam vidas especialmente difíceis, como as que são vítimas de violência doméstica ou as que têm baixo rendimento na escola, costumam usar a televisão como fonte de esquecimento com mais frequência que as outras. Usar a TV para escapar é muito satisfatório, porque desperta sentimentos relacionados ao prazer de sair de nós mesmos e invadir um universo que não nos pertence, mas nos agrada e envolve.

3. COMPANHIA

Uma situação comum é a de crianças que ficam em casa sozinhas. Às vezes, estão realmente desacompanhadas. Em outras, os adultos estão em casa, mas tão ocupados com suas tarefas que não dão atenção aos pequenos. O sentimento de solidão provocado pelo isolamento faz com que muitas crianças procurem na TV um companheiro.

Embora nem todos os adultos consigam visualizar a televisão como um “substituto de relacionamentos”, esta é uma função utilizada com frequência, não apenas por crianças, mas – de acordo com relatos das pesquisas mais atuais – por adultos, principalmente os da terceira idade. Não é em si “maléfica” e só é desaconselhável quando os pais não estão devidamente atentos para separar o joio do trigo antes de deixar seus filhos em tão sedutora companhia.

Algumas emissoras usam esse tipo de recurso para “fidelizar” as crianças. O personagem que amarra a programação acaba virando a cara da emissora e as crianças se identificam com o modelo escolhido. Em alguns casos, o personagem é um desenho animado de traços bem simples, representando um rosto que demonstra emoções como alegria, surpresa, interesse etc. O canal pago Discovery Kids conta, há anos, com um cachorrinho animado, que além de aparecer em todos os intervalos, ensina a contar, a ler letras.

4. APRENDER SOBRE “AS COISAS”

Uma outra razão mencionada pelas crianças para ver televisão é que os programas são escolhidos porque ajudam a compreender